

VALE TUDO: TIM MAIA ENTRE A VIDA E A MORTE

Maria Beatriz Jacques Ramos¹

A família Maia – o filho Tim

O nascimento e infância: Sebastião Maia nasceu em 28 de setembro de 1942, no Rio de Janeiro. “Tião” foi o décimo oitavo filho de Maria Imaculada Maia e Altivo Maia, o filho caçula, depois da morte do irmão mais jovem.

Em relação ao irmão mais velho: “Mais de vinte anos o separava de seu irmão Antonio, e, sendo o caçula, era mimado pelos pais e irmãs mais velhas, que o paparicavam como a um filho”. (MOTTA, 2011, p.17)

A mãe era dona de casa; o pai cozinhava para sustentar a família e alugou uma casa na Tijuca; abriu uma pensão com cinco quartos, na qual a família morava e servia comida para os hóspedes, além de oferecer marmitas à vizinhança.

Aos doze anos, com 60 kg, esperava ter o que os outros meninos tinham, não tolerava rejeição, vivia sob a raiva e a consternação; queria amar, ser amado, ter uma namorada, fazer sexo, mas não tinha nada.

Ele estudava de manhã e entregava as marmitas, enquanto as irmãs e a mãe ajudavam na comida e na limpeza da pensão. Aos treze anos se livrou desse trabalho, que lhe rendeu o apelido de Tião marmiteiro; conseguiu um emprego, mas em seguida foi despedido por não aceitar críticas do chefe.

A música: Aos catorze anos formou o primeiro conjunto musical. Em seguida conheceu Roberto Carlos, Erasmo, Wilson Simonal, Jorge Ben e outros jovens que buscavam reconhecimento e fama. Participou do “Clube do Rock”, um programa de Carlos Imperial, mas esse apoiou Roberto Carlos e não deu atenção para seu estilo. Tim se sentia cada vez mais preto, pobre e discriminado. Estava na hora de partir, de buscar um lugar, um lugar azul da cor do mar.

EUA: Depois da morte do pai, aos dezesseis anos, com doze dólares na carteira, foi para os Estados Unidos. Ele morou com uma família em Tarrytown, mas logo se mudou para Nova York. A partir daí ficou em abrigos com bêbados e desempregados. Teve cinco prisões (assalto a posto de gasolina, roubo de carro, porte de drogas) e durante um ano não se comunicou com a mãe e os irmãos. Aos vinte e um anos, em 1963, foi deportado para o Brasil com a roupa que vestia e 82 kg.

Reencontro com Roberto Carlos: Quando retornou se deparou com o sucesso da Jovem Guarda e tentou uma reaproximação com Roberto Carlos. Foi falar com a esposa do cantor, Nice, gravou seu primeiro disco na CBS, com a balada “Sentimentos” e o samba-soul “Meus país”; porém, o resultado foi uma decepção marcada por confrontos com técnicos do estúdio, pois eles não tinham noção de como gravar as batidas e o som que Tim aprendera fora do Brasil. “Faltava grave, agudo, eco, volume, tudo na sua voz. As rádios concordaram e não tocaram, a imprensa ignorou, as lojas não venderam e Tim foi dispensado da CBS.” (MOTTA, 2011, p.73)

¹ Psicanalista. Presidente do Círculo Psicanalítico do RGS. Doutora em Psicologia/ PUCRS.

Ainda assim, Roberto Carlos o levou para cantar na Jovem Guarda-outra confusão. Ele não se enquadrou no modo Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Roberto e Erasmo Carlos.

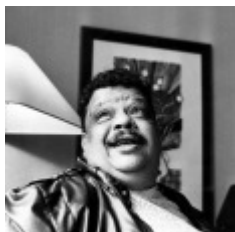
O futuro; a solidão: Tim por Tim, sozinho com um gravador, sem fãs e mulheres que o desejassem. Vivia no vazio e solidão; cantava a tristeza e decepção. Absorvia o abismo, a fronteira do perigo, padecia com a excitação de transar, cantar, tocar, mas agonizava com seu som e violão.

Seus vínculos exibiam as identificações primária, narcisista e projetiva. Sucumbia no jogo caçador/caçado, ora dominando ora dominado por sua capacidade artística. Os investimentos eram ambíguos e denotavam um narcisismo letal, um autoerotismo ancorado na repetição. O amor e a representação de si mesmo se instituíram sob o risco da desintegração, sem relações profundas e duradouras.

As armaduras: Na fase adulta, Tim fez uma armadura e ficou apertado com 136 kg, quase impedido de respirar e caminhar parecia uma falsa e frágil montanha, uma voz com muito eco. Ele manipulava os outros, era cúmplice nos delitos, mas, principalmente, uma vítima em constante litígio com a lei. Compulsivo, participante de seitas, acreditava em discos voadores e vida em outros planetas, pois, nesse, viveu os tormentos da humilhação, intoxicado pela necessidade de gratificação e da autodestruição.

As vivências do passado estragaram o presente e reduziram o futuro. Ele não podia esquecer quem era para ser o que era: filho, pai, homem. O menino caçula supercompensado depois da morte do irmão. O homem que tentou engolir o medo da morte à custa da própria destrutividade.

O homem entre Eros e Tânatos



Vou pedir pra você voltar
Vou pedir pra você ficar
Eu te amo, eu te quero bem
Vou pedir pra você gostar
Vou pedir pra você me amar
Eu te amo, eu te adoro, meu amor
A semana inteira, fiquei esperando
Pra te ver sorrindo, pra te ver cantando
Quando a gente ama, não pensa em dinheiro
Só se quer amar, se quer amar, se quer amar
De jeito maneira, não quero dinheiro
Quero amor sincero, isto é o que espero
Grito ao mundo inteiro, não quero dinheiro eu só quero amar
Te espero para ver se você vem
Não te troco nesta vida por ninguém porque eu te amo
Eu te quero bem
Acontece que na vida a gente tem
Ser feliz por ser amado por alguém

Porque eu te amo, eu te adoro, meu amor

(Tim Maia. **Não quero dinheiro**. Cantor: Tim Maia. Gravadora: UNIVERSAL; Selo: Polydor, 1971)

As mulheres: Em 1971, antes de Geisa, encontrou Janete num bar em Copacabana. Entre o apartamento e a delegacia ficaram juntos algum tempo. Tim casou com Geisa e, em 1975, nasceu seu filho. Nesse período era adepto da doutrina Cultura Racional, liderada por Manuel Jacinto Coelho e seguia as ordens do guru que escolheu nomes para a criança. Esse deveria se chamar Robson, Telmo ou Carmelo para que crescesse feliz e imunizado do mal. Ele registrou o filho com o nome de Carmelo, mas sempre o chamou de Telmo. Mais enigmas e adivinhações.

Geisa cansou de brigar, apanhar e fugiu. A criança foi criada pela mãe e uma irmã de Tim. Na escola, quando era chamado de Carmelo não respondia, acreditava que seu nome era Telmo.

Tim arrumou outras companheiras (Elizete, Rosiclér, Adriana) e conviveram com traições, desavenças e violências domésticas. Brigas e crueldades fizeram parte da história desse homem. As sucessivas ligações provocaram perdas, detenções, agressões aos músicos e mulheres que se aproximaram dele. Teve que enfrentar processos judiciais, nos quais foi réu por não cumprimento de acordos, desacato a autoridade e dívidas. Ele tinha um escudo de arrogância e familiaridade com a transgressão; produzia e estragava tudo ao seu redor. Vivia com excesso de comida, doce, bebida e drogas, adoecendo a cada dia (diabetes), mas insistia e persistia nada podia detê-lo. Ele se sentia grande e capaz de exorcizar a raiva que o afligia.

Conquistou alguns amigos, entre eles Nelson Motta, Chacrinha- com quem se desentendeu-, e Rita Lee, a quem pediu em casamento várias vezes.

Profissionalmente não cumpria as regras das gravadoras e criou a Vitória Régia Discos, na qual fazia lançamentos musicais regravados por artistas do pop (Titãs, Paralamas do Sucesso, Marisa Monte). Tim retribuiu a participação dos colegas gravando "Como Uma Onda", de Lulu Santos e Nelson Motta, um grande sucesso nos anos 1990, juntamente com o álbum ao vivo, de 1992. A partir disso, Jorge Ben Jor lhe deu o apelido de "síndico do Brasil", na música "W/Brasil".

Tim faltava aos shows porque o triatlon o derrubava, a maratona de uísque, cocaína e maconha. Sexo, entorpecente e alucinógeno sucediam-se, bem como a truculência e impaciência quando não era compreendido.

Vale, vale tudo.

Vale, vale tudo.

Vale o que vier, vale o que quiser.

Só não vale dançar homem com homem

Nem, mulher com mulher, o resto vale.²

(Tim Maia. **Vale tudo**: Lançamento: Warner, 1992.)

O sofrimento encarnado: Em 1994, ficou em casa durante seis meses, suas pernas estavam cobertas de feridas (erisipela), sofreu com problemas relacionados à obesidade, ao diabetes, à bolsa escrotal e aos testículos

² Hoje é cantada: também vale dançar homem com homem e mulher com mulher.

enormes, inchados e doloridos devido a uma infecção violenta e início de gangrena. Não conseguia andar, sentar ou deitar. A gangrena de Fournier foi diagnosticada e exigiu uma cirurgia para evitar a perda dos testículos e pênis. Os pulmões e os rins estavam comprometidos; os problemas respiratórios exigiram cuidados, o colesterol era altíssimo e teve que controlar a pressão e o peso. A incapacidade de mudar, de cuidar de si mesmo, de buscar ajuda (pulsão de morte) apareceram com força e sentido, colocando-o diante da dor e da morte.

Ele era refém da destrutividade, do sadismo/masochismo, do narcisismo letal. A cisão, a projeção e idealização, o instigavam a negar a realidade interna, a fugir dos outros, num processo de desligamento resultante do desespero e do medo.

O excesso de ambivalência (amor/ ódio) provocava uma dor permanente e impedia contatos afetivos estáveis e duradouros.

Tim não cabia nos espaços, nos limites externos. E, essa situação incrementava a dissociação do ego e dos objetos, a visão das realidades interna e externa. Ele atuava provocado pela ansiedade de abandono e de intrusão. A experiência com o vazio, a desilusão, o transformou num sujeito fragmentado com idéias e emoções persecutórias, deprimido e maníaco. Os medos externos refletiam os medos internos; os perigos externos, os perigos internos.

Para Candi (2010), pesquisadora dos estudos de Green, a dificuldade dos sujeitos que vivem num estado limite se apresenta na impossibilidade de traçar espaços que integrem o psiquismo para transitar em lugares que tenham diferentes funções.

Quando a psicopatologia se encontra nos limites, observa-se que o fora e o dentro não podem se diferenciar e dialogar, as forças pulsionais e o afeto não conseguem ser integrados ao eu, provocando núcleos de personalidade fragmentados e enfraquecidos. A paraexcitação é fraca. As emoções são mantidas sem elaboração e acabam se tornando traumáticas. As relações com os objetos externos não possuem uma mediação simbólica e são frequentemente insuportáveis. (CANDI, 2010, p. 199)

“Tudo é tudo. Nada é nada.” “Não bebo, não fumo, não cheiro e, às vezes minto um pouco.” “Acredito em ufologia, outros seres estão a bilhões de anos na terra.” “A Rede Globo não me convida para participar de programas, me queimam, mas eu gosto do Roberto Marinho...” (Frases memoráveis de Tim Maia).

Tim ruminava pensamentos de modo interminável, mostrava o isolamento afetivo, a escassez de relacionamentos sociais desde jovem. Existia de modo onipotente, precisava se proteger dos sentimentos persecutórios. Ele podia tudo, ele sabia tudo.

Ele buscou, incansavelmente, o prazer, o alívio das tensões e mágoas, mas fracassou. O filho de Maria Imaculada e Altivo, era “filho do rei”. Não cresceu psiquicamente, ficou pequeno, ficou menino. Destruiu Eros, a voz, a família, todos que tentaram se aproximar dele. Encerrou sua história tão perdido como começou, sem entender quem era....

Não conseguiu segurar o rancor e o ódio, adoeceu por abandono de si mesmo. Viveu num estado de ausência e inconformidade, de excitação e desespero. Palavras, frases, composições eram encenadas e tinham a finalidade de descarregar os excessos pulsionais e preencher os vazios de uma existência que negava a diferença e a castração.

Seu mundo interno ficou cristalizado, animado por Tântatos, diante do ego acionado na dinâmica sadomasoquista. Tudo e todos foram consumidos pela pulsão de morte.

Em 1997, tentou a carreira política ao filiar-se ao PSB sem nunca ter votado, pois não possuía título eleitoral. Sua campanha repetia slogans contra a discriminação racial, queria ser senador, queria ser presidente. Queria ser o síndico do Brasil. Nesse ano, gravou discos de bossa nova; um deles com “Os Cariocas” e, de versões clássicas do pop e do soul. Entre elas está a canção “Amigo do Rei” (nome do álbum). A seguir apresento algumas partes da letra composta por recriações de *standards* do soul e do pop norte-americanos dos anos de 1950 a 1970

Sonhei a vida, não quis acordar.

Um dia vou viver como eu queria,

Sentir toda a tonteria, sempre cai um azarão....

...Sou filho de Deus e devo ser alguém por isso eu continuo a confiar.

O tempo vai passar e eu seguindo sem medo de recomeçar.

Eu juro que eu conheço assim futuro e por ele quem procuro sei que um dia encontrarei.

O meu destino é tranquilo e cristalino porque eu sou peque-menino e eu sou amigo do rei.

Sou filho de Deus e devo ser alguém por isso eu continuo a confiar.

O tempo vai passar e eu seguindo sem medo de recomeçar.

No dia 8 de março de 1998, durante a gravação de um espetáculo para a TV no Teatro Municipal de Niterói, Tim tentou cantar, mesmo sabendo da má condição de saúde. Não conseguiu e se retirou sem dar explicações; foi levado para o Hospital Universitário Antônio Pedro numa ambulância, vindo a falecer em 15 de Março aos 55 anos, com 140 kg, após internação hospitalar devido a uma infecção generalizada. No ano seguinte foi homenageado por vários artistas da MPB num show tributo, que se transformou em disco especial de TV e vídeo.

Referências

CANDI, Talya. **O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green**. SP: Escuta, 2010.

MOTTA, Nelson. **Vale tudo: Tim Maia**. RJ: Objetiva, 2011.